

5. Conclusão

Nesta tese, procurei demonstrar como o personagem Sócrates defende, consistentemente, uma única teoria acerca dos constituintes últimos da realidade. Esta teoria está fundada na distinção entre dois tipos de entidades, cada qual com uma constituição ontológica própria. Por um lado, existem os objetos sensíveis de nossa experiência ordinária e, por outro lado, existem as Formas, entidades ontologicamente independentes e prioritárias com relação a estes objetos. Devido ao fato de possuírem uma constituição ontológica estável e uniforme, as Formas se apresentam como solução para uma série de problemas teóricos identificáveis nos objetos sensíveis, que se caracterizam por serem auto-contraditórios e internamente complexos, em função da multiplicidade de relações nas quais estão inseridos.

Como vimos, Sócrates adota um modo de exposição para sua teoria que se define essencialmente pelo grau de compreensão de sua audiência. Assim, interlocutores mais aptos são apresentados a aspectos mais específicos e aprimorados de sua teoria, enquanto interlocutores menos capazes são paulatinamente apresentados às Formas por meio da busca por definições. Esta particularidade do modo de exposição socrático reflete-se na divisão entre um grupo de diálogos iniciais e um grupo de diálogos médios, o que levou a grande maioria de comentadores a reconhecer, erradamente, um conjunto de obras em que Sócrates não estaria de posse de sua distinção ontológica fundamental.

A atribuição de duas posições irreconciliáveis ao personagem Sócrates, contudo, demonstra-se um engano desastroso, quando reconhecemos que uma das características principais da obra platônica é a possibilidade de leitura intertextual e a complexa rede de remissão entre diálogos proporcionada pelo uso da prolepse. Deste modo, a atribuição de uma visão de mundo unificada ao personagem Sócrates proporciona o reconhecimento de diversos casos de continuidade temática e vocabular entre os diálogos de primeira fase e os diálogos da fase

média.

Surpreendentemente, a proposta ontológica que testemunhamos Sócrates cuidadosamente desenvolver durante a maior parte da obra platônica é arrasadoramente criticada pelo *Parmênides*. Como nossa análise desta obra revelou, os argumentos apresentados pelo sábio eleata questionam os aspectos mais fundamentais da distinção ontológica proposta por Sócrates e terminam por concluir que a teoria apresentada por este personagem está fundada em enganos que parecem insuperáveis.

A partir deste momento, o personagem Sócrates irá progressivamente desaparecer dos diálogos platônicos e terá seu papel de protagonista e condutor das discussões filosóficas substituído por outros personagens. Podemos concluir, portanto, que o *Parmênides* marca a derrocada de Sócrates como personagem principal dos diálogos platônicos.

Uma pergunta inevitavelmente surge ao intérprete: até que ponto a Teoria das Ideias pode ser reformulada para tornar-se imune às críticas de *Parmênides*? E, ainda, será que esta nova teoria partirá da distinção ontológica entre Formas e coisas proposta por Sócrates ou tal proposta ontológica está fadada ao fracasso e deve ser completamente abandonada?

Estas questões não fazem parte do escopo deste trabalho, mas o que pretendo enfatizar é que esta nova teoria será apresentada por outros personagens do drama platônico. Sócrates ainda aparecerá no *Filébo* falando sobre o prazer e dando indicações de uma nova ontologia, contudo esta será sua última aparição. Ao que tudo indica, a odisséia filosófica do personagem Sócrates termina, fundamentalmente, de um modo negativo com as críticas de *Parmênides*.